

Valor 1000: Norte e Centro-Oeste seguem trajetórias distintas de crescimento em 2025

Enquanto o Norte desacelera após forte expansão e aposta na indústria e serviços, o Centro-Oeste deve acelerar com safra recorde, novos investimentos e retomada do agronegócio

Por **Lauro Veiga Filho**

16/09/2025 05h04 - Atualizado há 2 minutos

As economias das regiões **Norte** e **Centro-Oeste** tendem a trilhar caminhos um tanto diversos ao longo deste ano, segundo a economista **Camila Sato**, da **Tendências Consultoria**. A despeito da forte participação da indústria extrativa mineral em sua economia, com investimentos relevantes esperados para este e os próximos anos, o Produto Interno Bruto (**PIB**) do Norte deve sair de uma taxa de crescimento ao redor de 4,3% no ano passado para 3,5% neste ano. No **Centro-Oeste**, devido ao peso maior do agronegócio, o PIB havia avançado apenas 1,7% em 2024, refletindo a queda de quase 11,3% na colheita de grãos, e pode crescer 3,3% neste ano, com a produção atingindo novo recorde no campo.

Neste ano, a economia nortista registra melhores resultados na indústria de transformação, sobretudo no setor químico e na metalurgia, segundo a consultora. E a realização da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (**COP30**) em Belém tende a impulsionar a construção civil, o turismo e demais serviços. No entanto, esses fatores devem ser mais que contrabalançados pelo menor crescimento do PIB da agropecuária (de 6,6% em 2024 para 5,8% em 2025) e da indústria geral, saindo de 4,5% para 3,5%.

O **Centro-Oeste**, por sua vez, receberá o empurrão de um salto de 11% esperado pelo PIB da agropecuária neste ano, além de investimentos de peso no setor de celulose e papel e na expansão da produção de etanol de milho.

As duas regiões em conjunto tendem a atrair investimentos privados superiores a R\$ 239 bilhões entre 2024 e 2033, dos quais R\$ 120,5 bilhões para a indústria de celulose e R\$ 71,6 bilhões anunciados pela Vale no Pará, conforme a Tendências.

O ano passado, relembra **Rafael Biasoli**, diretor financeiro da **Amaggi**, trouxe “grandes desafios” para o agronegócio em todo o país, a começar pelo clima inclemente, que impôs uma quebra de safra de 7,3% em relação ao ciclo 2022/2023. A redução na colheita veio associada a preços mais baixos para os grãos. Líder na região, o grupo Amaggi teve sua receita líquida reduzida em 9,5%, para R\$ 40,605 bilhões, no ano passado.

Biasoli considera que a robusta estrutura de ativos e a diversificação estratégica ao longo da cadeia do agronegócio foram fundamentais para a empresa enfrentar os desafios e, ainda assim, alcançar resultados relevantes, como a aquisição de participação na **Milhão Ingredients**, empresa goiana referência na produção de ingredientes especiais de alta qualidade, fornecedora de grandes empresas do setor alimentício. O grupo também investiu numa frota rodoviária 100% movida a biodiesel e iniciou testes com o **biodiesel B100** em embarcações fluviais.

Neste ano, apesar dos desafios colocados pela conjuntura e pela geopolítica globais, o executivo lembra que o clima tem se mostrado mais favorável, reforçando a expectativa de uma safra recorde. No fim de abril, em parceria com a **Louis Dreyfus Company** (LDC), o grupo arrematou o terminal portuário **PAR25**, no porto de **Paranaguá (PR)**, que demandará investimentos de R\$ 1 bilhão ao longo do prazo da concessão. Além disso, a Amaggi investe perto de R\$ 120 milhões na implantação em **Cuiabá (MT)** de uma fábrica de **bioinsumos**, com capacidade para produzir 283,34 mil litros por mês de **bioestimulantes** e **biodefensivos**.

Já o grupo **Saga**, décimo maior em receitas líquidas do Centro-Oeste, conseguiu superar o crescimento médio registrado pelo mercado de veículos na primeira metade deste ano, avançando 5,2% em relação aos mesmos seis meses do ano passado, com a venda de 43,8 mil unidades. Os bons números, detalha **Sérgio Maia**, **CEO** do grupo, foram impulsionados pelo salto de 46,6% nas vendas diretas e ainda pelo aumento de 9% no mercado de usados, o que compensou a redução de 7,2% observada no varejo.

Um mercado muito mais competitivo, em um cenário de juros elevados, e uma sazonalidade que não ajudou, com menor número de dias úteis no semestre, afetaram o desempenho, “sobretudo no mercado de seminovos, onde o financiamento é mais demandado”, avalia Maia. De toda forma, o empresário antecipa “expectativas positivas” para este segundo semestre, especialmente por conta do programa **Carro Sustentável**, que assegura isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (**IPI**) até 2026 para veículos compactos de alta eficiência energética produzidos no país. “Em relação a 2026, nossas projeções seguem otimistas, mas com uma postura conservadora”, acrescenta Maia.